

## ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

### *DEAF LITERACY: INCLUSION OR EXCLUSION?*

OLIVEIRA, Aldeane de Jesus<sup>1</sup>; MELO, Lucelia Gomes<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Mônica de Freitas<sup>3</sup>; LIMA, Savio Felix de Souza<sup>4</sup>; FONSECA, Tatiane Gomes<sup>5</sup>; FRIEDRICH, Márcia<sup>6</sup>.

#### **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre a alfabetização e a inclusão de estudantes surdos em sala de aula. Para que a inclusão dos estudantes surdos seja feita de forma correta sem exclusão, é importante que o docente tenha especialização na área e saiba trabalhar de forma mais visual para que esses discentes possam compreender o que é proposto pelos professores. Por meio de dois relatos de pessoas surdas que foram analisados qualitativamente é possível apontar para as dificuldades enfrentadas por ambos em tempos diferentes da história da educação. Um iniciou na década de 1967, enquanto o outro na década de 1999, épocas em que os dois foram alfabetizados. Portanto, a educação inclusiva deve ser oferecida em todo o contexto educacional proporcionando uma quebra no preconceito ainda existente nos diversos espaços que tratam as pessoas como surdez de forma preconceituosa.

**Palavras-chave:** Inclusão educacional; Alfabetização de surdos. Formação de professores.

#### **ABSTRACT:**

This course conclusion work aims to reflect on literacy and the inclusion of deaf students in the classroom. For the inclusion of deaf students to be done correctly without exclusion, it is important that the teacher has specialization in the area and knows how to work in a more visual way so that these students can understand what is proposed by the teachers. Through two reports of deaf people that were analyzed qualitatively, it is possible to point to the difficulties faced by both at different times in the history of education. One started in the 1967's, while the other in the 1999's, times when both were literate. Therefore, inclusive education must be offered throughout the educational context, providing a break in the prejudice that still exists in the various spaces that treat people as deaf in a prejudiced way.

**Key words:** Educational inclusion; Deaf literacy. Teacher training.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva refletir sobre a alfabetização e a inclusão de estudantes surdos no ambiente escolar. O questionamento sobre a “inclusão ou exclusão” remete à hipótese de dificuldades diversas que se apresentam, tanto no ambiente escolar, como na sociedade em que os surdos estão inseridos.

---

<sup>1</sup> Aldeane de Jesus Oliveira, Curso de Pedagogia. FacUnicamps. Email: aldeaneoliveira17a@gmail.com

<sup>2</sup> Lucelia Gomes de Melo, Curso de Pedagogia. FacUnicamps. Email: lucelia.gmelo@gmail.com

<sup>3</sup> Mônica de Freitas Oliveira, Curso de Pedagogia. FacUnicamps. Email: Freitasmonica187@gmail.com

<sup>4</sup> Savio Felix de Souza Lima, Curso de Pedagogia. FacUnicamps. Email: savio.felix122@gmail.com

<sup>5</sup> Tatiane Gomes Fonseca, Curso de Pedagogia. FacUnicamps. Email: tatty.gomesf@gmail.com

<sup>6</sup> Orientadora: Márcia Friedrich. Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG. Graduada em Matemática e Física, Graduada em Ciências, Graduada em Pedagogia. Professora da Facunicamps desde 2018. Email: marcia.friedrich@facunicamps.edu.br

A política nacional de inclusão propõe a inclusão de pessoas com surdez possibilitando a elas o acesso ao conhecimento por meio da sua primeira língua, ou seja, a Libras.

Para que a inclusão dos estudantes surdos seja feita de forma correta, sem exclusão, é necessário que os docentes tenham especialização na área e saibam abordar os conteúdos de forma mais visual para que estes discentes consigam aprender, distinguir e aplicar os conteúdos em seu cotidiano conforme proposto pelos professores.

Há estudantes com surdez total ou parcial em que uns vão aprender a fazer a leitura labial e outros podem até falar. O professor deve incentivar o estudante com surdez a ler e poderá começar com figuras e depois com frases e pequenos textos. No caso específico dos dois relatos, ambos aprenderam a fazer a leitura labial e a falar.

O estudante surdo pode enfrentar dificuldades com a língua portuguesa, pois a sua primeira língua (L1) é a Libras. Dessa forma, os docentes devem estar aptos para conseguirem integrar este estudante em suas aulas, e desenvolver a língua portuguesa a partir das suas experiências.

A metodologia deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e de campo com depoimentos de dois estudantes surdos que contaram suas histórias em depoimentos livres sobre a sua trajetória de vida intermediada pelo percurso escolar. A análise qualitativa possibilitou um olhar mais específico para os dois casos que corroboram a literatura pertinente ao assunto.

Os casos relatados quando analisados qualitativamente apontam para as dificuldades enfrentadas pelos dois estudantes surdos, tanto na década de 1967, quanto na década de 1999 com possibilidades diferenciadas. Ambos trouxeram a realidade da inclusão escolar de pessoas com surdez no ambiente escolar.

A educação inclusiva visa a igualdade de direitos, respeitando as diferenças e buscando melhor atendimento e aprendizagem aos estudantes com necessidades especiais. Para que essa inclusão aconteça, faz-se necessário a interação de toda a sala, inclusive do professor. A inclusão acontece principalmente por meio de atividades inclusivas que permitem a relação entre os estudantes ouvintes e não ouvintes, além do suporte pedagógico

de toda a instituição. Quando há um estudante surdo em sala de aula, é fundamental que os outros discentes tenham a oportunidade de aprender Libras para melhor inclusão do educando surdo e comunicação entre todos.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A TEMÁTICA

Uma educação inclusiva voltada para estudantes com deficiência auditiva utiliza-se da abordagem pedagógica que possibilita um olhar individualizado, respeitando as singularidades de cada indivíduo em espaços preparados para recebê-los. Os cuidados com as pessoas com surdez ocorrem através de uma interligação entre a família, terapeutas e espaços de aprendizagem que buscam um entendimento mútuo entre todos os responsáveis pela aprendizagem e pelo desenvolvimento do indivíduo, propiciando um currículo individual, cujos objetivos são traçados pela equipe e família, sendo contextualizado e integrado a todos os seus ambientes, contribuindo para que o aprendizado e desenvolvimento do indivíduo seja internalizado.

Nesse cenário, algumas ferramentas práticas podem ajudar a estimular o interesse do estudante surdo em aprender e ainda colaborar para que se sinta incluso, já que sua alfabetização ocorre especificamente de maneira visual ao contrário do discente ouvinte. O estudante com surdez precisa de um suporte pedagógico mais abrangente e, por isso, as metodologias utilizadas em sala de aula podem, por vezes, não se adequar à sua compreensão da língua, ou serem insuficientes, especialmente na fase da alfabetização. Segundo Honora e Frizanco (2009, p. 43, apud CÓRDULA e CABRAL, 2017, p. 3):

A alfabetização de alunos com deficiência auditiva em nada se difere da alfabetização de um aluno ouvinte, visto que o aluno com deficiência auditiva utilizará pistas auditivas e articulatórias para a construção da escrita. Entretanto, o professor(a) deve dispor de muito mais recursos didático pedagógicos quando se trata de uma turma com surdos e ouvintes, principalmente os visuais; no entanto, esse tipo de material não é disponibilizado pelas instituições responsáveis pela organização, administração e regulamentação das unidades de educação básica públicas no país.

De acordo com a Lei de nº 13.146 de 6 de julho de 2015, no Art. 2º, entende-se por pessoa com deficiência, qualquer forma reduzida ou impedida de sua interação ampla nos meios sociais de caráter a prazo indeterminado de condição física; sensorial, como no caso das pessoas com deficiência auditiva, mental ou intelectual:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas" (BRASIL, 2015, p. 1).

Nessa corrente, a deficiência auditiva é uma das deficiências sensoriais que se caracteriza pela dificuldade de ouvir e identificar sons. Sua perda reduz a capacidade de detectar os diversos sons presentes no cotidiano, atrapalhando no desenvolvimento do sistema linguístico, na comunicação e no entendimento da língua falada, que determina as características culturais e gramaticais da fala, das conversações e interações entre os indivíduos. Honora (p. 12, 2014) descreve a deficiência auditiva, assim como descrito no Decreto de nº 5.296/2004, como uma: "perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz." (Ádico BRASIL, 2004, p. 1).

A surdez constitui-se um distúrbio neuro-sensorial que atinge a habilidade da aprendizagem, assim como todo o processo de comunicação, e para a criança deficiente auditiva integrar-se em seu meio e possuir os aspectos de linguagem oral e escrita bem estruturada, é necessário que seja diagnosticada logo nos primeiros anos de vida a fim de receber um atendimento precoce, ficando mais fácil de integrar-se na sociedade. (CARVALHO e FERREIRA, p. 12, 1997).

As pessoas com deficiência têm amparos legais e regidos por leis que orientam, protegem e regulamentam os direitos de acessibilidade e inclusão para que exista a participação plena e sem barreiras dessas pessoas na sociedade de maneira que tenham condições de vidas mais igualitárias e satisfatórias. Seguindo esse pensamento de direitos garantidos, é assegurado ainda pela Lei 13.146/2015, os direitos a uma educação inclusiva para as pessoas com deficiência, inclusive no Art. 28 trata sobre a oferta da educação bilíngue, considerando a Libras como a primeira Língua: "V - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; [...]" (BRASIL, 2015, p. 7).

No entanto, na realidade educacional, os descritos da lei convergem com a capacidade de ensino nas escolas, principalmente, ao fornecer educação inclusiva em uma sala de alfabetização com estudantes ouvintes e não ouvintes. A educação bilíngue passa a ser um grande desafio encontrado na alfabetização de discentes com deficiência auditiva que consequentemente impedem a aprendizagem de qualidade.

Infere-se que o uso das linguagens é a ponte e o principal meio de aquisição do ensino, da compreensão do mundo e das comunicações sociais, e por isso, as oportunidades de se desenvolver as potencialidades na comunicação, escrita, leitura e interações sociais são conquistadas de forma lenta, dificultosa e que pode estar interligada a causa da evasão escolar por parte das crianças com deficiência auditiva, e se agrava para os reflexos da defasagem na bagagem de conhecimento quando chegam na adolescência. Um fator interessante é que há uma parcela, ainda que muito pequena, de crianças ouvintes que aprenderam, por exemplo, o alfabeto da Língua de Sinais na escola, essa pequena parcela permite maior interação e troca de saberes entre os estudantes, mas falta suporte, instrumentos e incentivo nas instituições, não somente das escolas, mas também dos docentes, que às vezes não têm especialização ou nenhum conhecimento da Libras para tornar suas aulas integrativas e que transmitem qualidade para todos.

O processo educacional a ser desenvolvido com o aluno deficiente auditivo constitui-se um dos maiores desafios que um professor enfrenta, principalmente em classes do ensino regular. Para que o professor vença mais esse desafio serão necessárias informações acerca dos limites e das potencialidades desse aluno e de como efetivar suas aulas (ÁUREA, 2003, p. 10).

Independente da criança estar matriculada no ensino regular, uma equipe multidisciplinar desempenharia um papel crucial e de extrema importância para o desenvolvimento de condutas metodológicas assertivas e pensadas para o estudante, através de um trabalho em equipe entre escola, psicólogo, professor e fonoaudiólogo.

A fonoaudióloga escolar tem como objetivo desenvolver trabalhos de prevenção no que se refere a área de comunicação escrita e oral, voz e audição. Cabe-lhe orientar os professores sobre aspectos de alfabetização, bem como fornecer instrumentos para observar a fala das crianças, além de prevenir outras alterações relacionadas a voz, escrita etc. É importante salientar que o trabalho fonoaudiológico em uma escola tem um enfoque preventivo, cuja atuação é planejada em equipe e desenvolvida pelo professor em sala de aula (ÁUREA, 2003, p. 13).

Tendo como premissa a defasagem do ensino disponibilizado para as crianças com deficiência, especificamente para os estudantes não ouvintes, o presente artigo científico tende a promover o repensar pedagógico para os futuros pedagogos e docentes em exercício que diariamente enfrentam todos estes desafios de educar os discentes com necessidades educativas especiais. Possibilita reflexão no reinventar da prática pedagógica em uma sala de aula com diferenças e diversidades e no repensar das práticas cotidianas para os educandos com deficiência auditiva.

### 3. METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo, utiliza-se metodologia da pesquisa bibliográfica acerca das dificuldades encontradas na alfabetização de estudantes surdos. Segundo Gil, 2002, p. 44

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Além das pesquisas bibliográficas, foram realizados dois estudos de casos de pessoas com surdez. Nos casos citados, os indivíduos comentaram sobre como suas famílias descobriram a surdez neles e como se deu o processo de ensino e aprendizagem. A seguir pode-se notar todas as dificuldades da surdez em suas vidas escolares.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este artigo contemplará dois casos de estudantes surdos e sua trajetória escolar. Serão abordadas as dificuldades de aprendizagem na alfabetização dos surdos, perpassando por todo o percurso escolar dos mesmos em épocas distintas. Inicialmente serão apresentados os casos e, a seguir, as dificuldades apresentadas entrelaçadas por teorias que fundamentam hoje a literatura acadêmica acerca do assunto.

#### CASO 1<sup>7</sup> - Renato Jacobson

“Nasci em novembro de 1958, aparentemente normal com 7 meses, mas que requeria cuidados. Nesta época, meus pais trabalhavam em órgãos federal, em Anápolis, antigo IAPAS, era meu pai, como delegado regional, e minha mãe no IAPC, que hoje se aglutinaram naquela época e agora é o INSS. Numa certa vez, meu pai havia se filiado ao Partido Comunista do Brasil, infelizmente ele foi denunciado por um colega de trabalho na época da Ditadura Militar. Eu tinha 7 pra 8 meses de idade, ele havia sido preso pra averiguações, e sumiu por 30 dias. Mas enquanto estava preso, minha mãe, com o estado agonizante, sofre um AVC em casa, ela foi socorrida por meu tio Eduardo Jacobson e levada para Goiânia, ao

---

<sup>7</sup> A transcrição foi feita de forma literal, de acordo com a forma com que o entrevistado digitou as palavras.

extinto Hospital Santa Luzia. Nisto ficou eu e meu irmão, ele com 2 anos de idade e eu com 8 meses, ficamos aos cuidados da minha tia Antonia irmã de meu pai. Aqui começa minha trajetória sobre audição. Num certo dia deram-me banho, mas não enxugaram meus ouvidos adequadamente, nisto começou infeccionar e ficar vermelho em volta dos dois ouvidos, e tampava chorar dia e noite. Meu pai já havia saído, já estava em casa, voltou ao trabalho, minha mãe estava internada no hospital em Goiânia, no qual ficou 6 meses em coma, até que ela voltou do coma, mas ficou com sequelas do AVC para o resto da vida. Meu pai vendo minha situação, me levou num ortorrino Dr. Valdomiro, em Goiânia, após batalha com medicamentos, penicilina, mal estava resolvendo, o médico conseguiu um antibiotico que veio do Rio de Janeiro, pois naquela época eram importados. Eu consegui me curar da infecção, mas acabou paliativamente com a minha audição, perdendo 60% e 40% de minha audição nos dois ouvidos respectivamente. Só aos 8 para 9 anos, que fui para a escola, em Goiânia, no extinto Instituto Araguaia. O meu primeiro ano foi difícil com a professora Marlene, pois não conseguia aprender com facilidade, pois escutava muito pouco. Nisto, o diretor do colégio ficou sabendo do meu caso, achava que eu era leviano, não queria estudar, perguntava as coisas, eu as vezes não respondia, pois não entendia direito as palavras. Num certo dia teve sabatina, como era chamado as provas na época, em matemática tirei zero. Me mandou para a sala 5, sala do castigo, após o horário de aula, para escrever a tabuada 200 vezes, nunca esqueci isto, e mandou chamar meu pai para uma conversa. Eu era muito tímido e triste, minha mãe não pôde participar da minha vida escola por causa do AVC. Nesta época ele falou com o diretor Professor Múcio, nem sei se ele arrependeu do que fez comigo, sobre minhas dificuldades, por causa da audição, mas já era tarde, Isto tudo marcou minha vida. Então me colocaram para sentar na frente junto da professora, a partir do segundo ano que consegui me desenvolver na escola. Foi assim que acabei me recuperando a alto estima, e consegui ouvir para aprender na escola. Foi difícil tive muito bullying, quando não entendia as palavras e os colegas riam de mim, quando não entendia as palavras, pois se as pessoas falassem de costas pra mim não pegava a fala direito, pois estava aprendendo a entender as palavras com o pouco que escutava com a movimentação labial. Mas continuei firme no propósito de estudar já no segundo ano, com a professora Edith. Quando sai do primário, fui pro Ginásio Emmanuel de Irradiação Espírita, no Setor Sul, me desenvolvi bem, foi a melhor fase de minha vida, sempre sentando na frente, tive ótimos professores, na época. Nesta época não me lembro de problemas na escola, pois gostava muito de estudar participava de competição de trabalhos, tirei ótimas notas e venci até concursos de trabalhos manuais. Mas tive dificuldade em Inglês, pois requeria falar e ouvir as palavras mas me atrapalhou muito. A

dicção das palavras era a minha dificuldade em ouvir, por isso era necessário a pessoa falar de frente pra min, pra que eu possa entender as falas com a movimentação labial. Me acostumei com isto. Quando em mais ou menos em 1975 entrei pro extinto colégio Objetivo SPG, no setor universitário, lá eram salas de aulas com 150 alunos, mas com sistema de microfone e sonorização, minha dificuldade eram menor, pois escutava bem, mas aconteceu um fato inusitado, estava sentado bem no meio da sala, um aluno fazendo brincadeira, o professor de português, não viu direito que não era eu, apontou pra mim, me fez uma pergunta, o pouco que pequei na sala, por causa da dificuldade de assimilar rápido respondi, mas errado, então ele virou pra turma e falou, este está querendo desafiar o português, todos riram da minha cara, fiquei muito constrangido com a situação. São situações que marcaram a minha vida por causa da dificuldade auditiva. Dai entrei na faculdade UFG. passei para licenciatura em física, comecei a estudar no câmpus samambaia - UFG, lá as salas eram tipo anfiteatro para 200 alunos, inclinado para baixo, mas péssimo, pois não tinha sonorização com o microfone, e os professores falavam muito baixo e as salas eram muito alto os tetos, tava péssima acústica para ouvir as matérias e carentes de recursos audio visuais, naquela época. Foi difícil, fiquei lá 2 anos, que foram anos perdidos, reprovei nas matérias que pequei o período, não consegui fazer nada, não aprendi fazer nada, com a minha dificuldade auditiva. Abandonei o curso e pedi transfêrencia para a faculdade Anhanguera. Nesta época que comecei a usar o primeiro aparelho auditivo analógico. Bem na época, me casei, já com o primeiro filho, ainda morando com meus pais, desempregado, consegui entrar pro serviço público, na época no Detran, fui para a Faculdade Anhanguera, resolvi fazer Ciências Contábeis, era o que me adaptei melhor, fiquei 5 anos, salas melhores, poucos alunos, sentava só na frente. Apesar das dificuldades, nesta época consegui formar, e dar este gosto para minha mãe que já ficou bem recuperada do AVC apesar das sequelas. Então hoje estou com quase 64 anos, apesar da dificuldade auditiva uso dois aparelhos digitais, bem melhores que antigamente, e hoje a cada dia aparece melhores aparelhos, mais sofisticados, e mais em conta. O meu primeiro aparelho quando meu pai comprou passou um ano pagando parcelado, era como se fosse o valor de 15 salários mínimos da época. Nisto foi muito sofrimento poder estudar e chegar aonde chequei com esta dificuldade auditiva. Era o que foi a minha vida escolar”.



## CASO 2<sup>8</sup> - Tatiane Gomes Fonseca<sup>9</sup>

“A história começou quando minha mãe tava grávida de 2 meses e meio e contraiu a doença rubéola. Que me fez perder a audição. Não foi fácil pois ela corria risco de vida devido à gravidade da doença e o tempo da gestação. O médico disse pra minha mãe que ela poderia optar pelo aborto, pois corria o risco de mim morrer antes mesmo de nascer ou nascer com algum problema grave. Minha mãe optou por deixar eu nascer e segui até o final da gravidez. No dia 29 de maio de 1994 as 7:15 é um domingo nasce eu Tatiane Gomes Fonseca. Minha mãe disse que o médico fez montes de exames pra saber como ela estava , pois o médico ficou sem saber entender como ela poderia ter nascido tão perfeita devido o tempo de gestação e a doença que minha mãe teve. Aos 2 meses de idade da Tatiane a rubéola saiu nela pois eu teve uma convulsão sem febre, que é um perigo. Mas tudo já passou. Quando eu tinha 8 meses, eu e minha mãe e meu pai sofremos acidente de carro horrível, onde tivemos muitos ferimentos e eu passei por mais uma experiência de vida. Quando eu tinha 10 meses de vida, o meu padrinho estava brincando comigo de jogar balão, o balão arrebentou e eu não assustei e meu padrinho estranhou e disse pra minha mãe pra fazer o exames auditivo pra saber se eu tinha alguma perda, pois não é normal uma criança não assustar com o barulho de estouro de balão. Minha mãe me levou no médico de exames e lá estava a sequela da rubéola, pois o médico tinha falado que com o tempo poderia vir aparecer alguma sequela. Fizemos montes de exames audiometria e tudo.... Descobrimos a deficiência auditiva quando eu tinha 11 meses de idade. Eu comecei usar o aparelho auditivo com 1 ano de idade e segui comecei acompanhamento com à fonoaudióloga, psicóloga, psicopedagogia e mais profissional. Minha mãe deve que largar tudo por dedicar aos tratamentos de mim, com a fono 2 x por semana e psicólogo 1 vez por semana. Fui pra creche 2 anos de idade só pra conviver com mais crianças, pois essa convivência fazia parte do tratamento. Particpei psicólogo por 1 ano, pra adaptar com os aparelhos auditivos, fiz a fonoaudióloga até 18 anos de idade. Minha mãe sempre participava de todas as reuniões escolares e sempre interagindo com os profissionais da educação, perguntando sempre sobre o relacionamento da minha filha com os colegas e profissionais. Minha mãe me informou isso. Afinal todas as escolas tem que estar preparada e ter um acompanhante pra ser alunos especiais, pois quando as pessoas especiais convivem com a sociedade escolar normal. Eu tive bom desenvolvimento e não ser sentem excluídos, diferente e inferior aos outros. Minha dificuldade teve na escola e nem com a sociedade.

---

<sup>8</sup> A transcrição foi feita de forma literal, de acordo com a forma que a entrevistada digitou as palavras.

<sup>9</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia e autora deste trabalho.

Minha mãe sempre me mostrou que eu não sou diferente dos outros. Depois que eu comecei estudar aos 4 anos de idade, tudo se desenvolveu mais rápido e fácil ou difícil. Desenvolvi a fala e a comunicação e aprendi a ter horário pra tudo, fiz muitas amizades e aprendi a ser mais independente. Minha mãe me colocou na escola particular e com criança normal então quando a minha mãe foi conversar com a diretora na escola pela primeira vez, a escola não queria me aceitar, pois já tinha dificuldade com outro alunos especial. Minha mãe já pediu pro diretor 1 semana pra fazer o teste e ficou produtivo que eu estou estudando até hoje com 28 anos. Com 12 anos de idade comecei usar óculos. Com 14 anos minha mãe disse eu não queria usar mais aparelho auditivo por vergonha, eu jogava fora, escondia. Eu fala pra minha mãe por que eu sou a única que eu uso aparelho e eu não vejo ninguém usando aparelho auditivo. Minha mãe resolveu me levar lá no Instituto Santa Luzia (lá é uma instituição só pra deficiente auditivo) passei o dia todo lá, e eu não vi o que eu não era diferente pois tinha muita gente usando aparelho nos ouvidos. Não foi fácil, foi muito difícil ficar usando aparelho. Aos 13 anos lá vem mais um experiência de Vida que eu sofri um acidente aquático (a canoa que afundou). Comecei a namorar a partir dos 18 anos, foi muito difícil pois meu ex tinha vergonha de eu usar aparelho auditivo, fiquei muito decepcionada, mas segui a vida o que eu poderia. Com 20 anos passei vestibular na Puc-Goiás no curso Serviço Social, fiz curso de manicure. Com 21 anos fiz cirurgia nos olhos e deixei sem usar óculos. Com 22 anos comecei trabalhar fora. Com 24 anos terminei minha primeira faculdade. Resolvi fazer a pós psicopedagoga e libras. Eu sempre me comunico através da fala. Não foi fácil. E hoje estou concluindo o curso de Pedagogia”.

#### **4.1 A Luz da Teoria: um diálogo necessário**

Diante dos casos supracitados é possível refletir acerca da inclusão escolar de estudantes com qualquer tipo de deficiência. Em ambos os casos, em épocas distintas as dificuldades de compreensão dos responsáveis das escolas e professores se apresentam. Para que a aprendizagem do estudante se concretize faz-se necessária uma compreensão das necessidades específicas de cada estudante para que a prática pedagógica, seja coerente e que o direcione para a aprendizagem.

De acordo com Damázio, (2005, p. 13, apud Cardoso, 2003, p. 108), “para haver inserção de alunos com surdez em escola comum, na visão inclusiva, é preciso ir além da superação da estrutura educacional atual das escolas e enfrentar a questão da formação de professores comuns e especializados.”

Outra questão que emerge nos dois casos é, de acordo com Damásio (2005, p. 14), “A falta de preparo dos profissionais da escola, especificamente dos professores, explicita a urgente necessidade de se implantar a formação continuada dos professores, a partir de novos parâmetros suscitados pela inclusão.” Uma vez que a inclusão do estudante surdo em escolas regulares não é fácil. A aceitação de deficientes auditivos em sala de aula apresenta uma dificuldade e falta de professores qualificados. Esse trabalho de inclusão de discentes com surdez na educação básica mostra para a comunidade e para a sociedade que somos iguais, em que todos estejam cientes dos seus deveres e possam contribuir com esses educandos a socializar com todos na sala de aula.

Os casos apresentados reportam outro importante fator para a aprendizagem dos estudantes surdos. A compreensão da linguagem. Sabe-se que a Língua de Sinais é a língua materna dos surdos, entretanto não é universal. Ela passa por modificações de acordo com cada país. No Brasil chamamos de Libras - Língua Brasileira de Sinais.

Na educação de pessoas com surdez, é demasiadamente importante aprender o alfabeto da Língua Brasileira de Sinais- Libras. É estritamente necessário que o estudante surdo conheça a Libras para o processo da alfabetização. Segundo (Mantoan, 1997, p. 24),

A meta da inclusão é desde o início, não deixar ninguém fora do sistema escolar, que deverá adaptar-se às particularidades de todos os alunos. (...) à medida que as práticas educacionais excludentes do passado vão dando espaço e oportunidades a unificação das modalidades de educação regular e especialmente em um sistema único de ensino caminha - se em direção a uma reforma educacional mais ampla em que todos os alunos começam a ter suas necessidades educacionais satisfeitos dentro da educação regular.

Uma vez que a Libras é necessária para a inclusão do estudante surdo, cabe ao professor ter projetos pedagógicos, com conteúdo proposto, junto com um intérprete para a educação curricular. As atividades feitas em sala de aula possibilitarão orientação pedagógica aos professores e aos demais educandos, para que todos façam parte da vida escolar do estudante com surdez, mostrando-o como é importante o conhecimento da Libras para o aprendizado do discente, conferindo a ele autoconfiança e o desenvolvimento de habilidade para aprender os conteúdos propostos em sala de aula.

Percebe-se, a partir dos relatos citados neste artigo, que tanto o Renato, do caso 1, quanto a Tatiane, do caso 2, passaram por diversas dificuldades no processo de alfabetização. Diante do caso exposto do Renato Jacobson, relatado que além das dificuldades enfrentadas para conseguir aprender a segunda língua, a Língua Portuguesa, o mesmo sofreu bullying por

parte dos docentes e discentes pelo fato de serem leigos a partir do seu problema de deficiência auditiva. Até nos dias atuais, o entrevistado descreve que ficou marcado em sua vida o bullying que sofreu na infância.

As consequências do bullying são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (PEREIRA 2012, apud SILVA 2010 p.54).

Com base no relato da entrevistada Tatiane, as suas dificuldades foram trabalhadas com especialistas - Psicólogo e Fonoaudiólogo - para suprir as necessidades que eram encontradas na sala de aula. Sua família e seus colegas de classe, além dos docentes, sempre estavam sendo acolhedores e amigáveis para auxiliar a partir dos problemas encontrados.

Nota-se, portanto, nos dois relatos que, mesmo em décadas distintas, são semelhantes quando a discussão é processo de alfabetização e escolarização. Existem diversas lacunas no ambiente escolar que precisam ser sanadas para conseguirem adequar e incluir estes estudantes surdos nas salas de aulas regulares. O apoio familiar, pedagógico e dos colegas é extremamente importante para começar a inclusão desses discentes neste ambiente.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão do estudante surdo em escolas regulares não é fácil. A aceitação de deficientes auditivos em sala de aula apresenta dificuldades e nota-se a falta de professores qualificados. Esse trabalho sobre inclusão de estudantes com surdez na educação básica mostra para a comunidade e para a sociedade que os direitos são iguais para todos, em que todos estejam cientes dos seus deveres em contribuir com esses discentes a socializar com os demais da sala de aula.

Pôde-se observar nos casos relatados que os docentes não têm toda a especialização necessária para conseguir incluir um estudante surdo em seus planejamentos, excluindo assim

este discente, mesmo sem nenhuma intenção. Para que a alfabetização aconteça, os professores devem conhecer as necessidades dos seus estudantes com deficiência auditiva, como é a relação do mesmo com a família, trazê-la à compreensão dos processos educacionais dos seus filhos/estudantes, bem como apresentar à escola os atendimentos que o estudante recebe além do ambiente escolar.

Nesse contexto, é necessário que haja formação continuada aos professores para que possibilite e promova a ele e aos estudantes com surdez um ambiente facilitador do ensino e aprendizagem, incluindo a estes discentes a melhor forma possível sem que se tenha qualquer tipo de exclusão em qualquer parte envolvida dentro do ambiente escolar.

Os resultados alcançados neste artigo mostraram que ainda existem diversas lacunas a serem sanadas a partir do processo de ensino e aprendizagem para estudantes surdos. Por isso, espera-se que as reflexões acerca do assunto possibilitem mudanças em relação às estruturas, especializações pedagógicas, políticas públicas para que de fato a real inclusão aconteça.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁUREA, O. de O. **O Professor e a Criança Deficiente Auditiva**. Dissertação - Programa de Mestrado em Educação, Universidade de Uberaba Uberaba (MG), 2003. Disponível em: <<https://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000055619A.pdf>> Acesso em: 10 de Outubro de 2022.

BRASIL. Decreto N° 5.296 de 2 de Dezembro de 2004. Normas Gerais e Critérios Básicos para a Promoção da Acessibilidade das Pessoas Portadoras de Deficiência ou com Mobilidade Reduzida. Presidência da República, Secretária-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)> Acesso em: 17 de Outubro de 2022.

BRASIL. Lei N° 13.146 de 6 de Julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República, Secretária-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2015. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)> Acesso em: 10 de Outubro de 2022.

CARVALHO, L. L. J.; FERREIRA, S. M. **Alfabetização do Deficiente Auditivo. Área de Deficiência Auditiva**, Curso de Especialização em Educação Especial, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/68479/E%20-%20LIANE%20LADY%20J%20CARVALHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 de Outubro de 2022.

DAMÁZIO, Mirlene F. Macedo e FERREIRA, Josimário P. **Educação Escolar de Pessoas com Surdez - Atendimento Educacional Especializado em Construção**. In: Inclusão: Revista da Educação Especial / Secretaria de Educação Especial. v. 5, n. 1 (jan/jul) - Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010. p. 46 – 57.

DAMÁZIO, Mirlene F.M.. **Educação Escolar Inclusiva das Pessoas com Surdez na Escola Comum: Questões Polêmicas e Avanços Contemporâneos**. In: II Seminário Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, 2005, Brasília. Anais... Brasília: MEC, SEESP, 2005. p.108 – 121.

DAMÁZIO, Mirlene F. M. **Tendências Subjacentes à Educação das Pessoas com Surdez** Capítulo II. Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez. Curitiba: CROMOS, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B1EII1g8FdfUOEMtQzRCdUFUX2c/view?resourcekey=0-AN4t4J2ophUPu37ItDw\\_Jg](https://drive.google.com/file/d/0B1EII1g8FdfUOEMtQzRCdUFUX2c/view?resourcekey=0-AN4t4J2ophUPu37ItDw_Jg)> . Acesso em: 24 de Outubro de 2022.

HONORA, M. **Inclusão Educacional de Alunos com Surdez: Concepção e Alfabetização**. Ensino Fundamental, 1ºCiclo. São Paulo, Cortez, 2014.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Esclarecendo as deficiências**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.


MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

PEREIRA, K.K. **Consequências e Implicações eo Bullying eos Envolvidos e no Ambiente Escolar.** 2012. Disponível em:

<<https://cdn.domtotal.com/direito/uploads/pdf/8aa3ef2975e4ac2c91c74e3e9da646d6.pdf>.>

Acesso em: 17 de Outubro de 2022.

ANEXO

  
Faculdade Unida de Campinas

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**

Eu Mônica de Freitas Oliveira RA 39733  
Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

**AUTORIZAÇÃO**  (X)  
**NÃO AUTORIZAÇÃO**  ( )

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: Alfabetização de Jurdos: Inclusão ou Exclusão?

De autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Márcia Friedrich

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.


Curso: Pedagogia . Modalidade afim Psicicultura

Mônica de Freitas Oliveira  
Assinatura do representante do grupo

M. Friedrich  
Assinatura do orientador (a):

Obs: O aval do orientador poderá ser representado pelo envio desta declaração pelo email institucional do mesmo.

Goiânia, 14 de Dezembro de 2022

  
@facunicamps  
#SomosUnicampers